

AUDREY
CARLAN

Mente

TRINITY



LIVRO 2

Tradução

Patricia Nina R. Chaves

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2017



VERUS
EDITORAS

Editora
Raïssa Castro

Coordenadora editorial
Ana Paula Gomes

Copidesque
Lígia Alves

Revisão
Raquel de Sena Rodrigues Tersi

Capa, projeto gráfico e diagramação
André S. Tavares da Silva

Título original
Mind

ISBN: 978-85-7686-620-6

Copyright © Waterhouse Press, 2015

Todos os direitos reservados.

Edição publicada mediante acordo com Waterhouse Press LLC.

Tradução © Verus Editora, 2017

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

C278m

Carlan, Audrey

Mente / Audrey Carlan ; tradução Patricia Nina R. Chaves. -
1. ed. - Campinas, SP : Verus, 2017.
23 cm. (Trinity ; 2)

Tradução de: Mind

Sequência de: Corpo

ISBN 978-85-7686-620-6

1. Romance americano. 2. Ficção erótica americana.
I. Chaves, Patricia Nina R. II. Título. III. Série.

17-44195

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

1



GILLIAN

No momento em que os paparazzi descobrem que você fisgou um dos solteiros mais cobiçados dos Estados Unidos, você também fica famosa. Infelizmente. Não é algo que eu imaginava que fosse se tornar parte da minha realidade quando aceitei me casar com Chase Davis. Não. Ver o meu rosto estampado em incontáveis revistas não estava na minha lista de objetivos de vida. Pior é o que vem com a fama: a repercussão. Já fui rotulada de tudo, desde interesseira até apenas a primeira das *muitas* esposas que Chase certamente terá. Parece que uma única mulher não é capaz de manter realizado e satisfeito um magnata bilionário como Chase Davis. Só um harém poderia dar conta do recado.

— Olha isso. — Minha melhor amiga, e em breve ex-colega de apartamento, Maria, abafa uma risada com a mão enquanto folheia a mais recente revista de fofocas. — “Triplo B: bilionário do big business, Chase Davis está de casamento marcado com a jovem triplo D Gillian Callahan.”

— O quê?! — grito, com a voz aguda. — Me deixe ver.

Maria joga a revista para mim por sobre as pilhas de caixas de mudança. Esquadrinhando a página, vejo Chase com o braço à minha volta, segurando possessivo minha cintura. Ele é devastadoramente bonito, mesmo numa foto informal de paparazzo como esta. Foi tirada em um baile beneficente onde estivemos há pouco. Só que a imagem me mostra com os seios claramente aumentados, pelo menos duas vezes maiores que os que Deus me deu. Fervilho de raiva.

— Fizeram os meus peitos ficar enormes!

Maria ri, e eu jogo a revista de volta para ela, acertando-a na cabeça.

— *Puta!* — ela brinca comigo em espanhol.

— Estou tão cansada desse lixo que escrevem sobre mim. Eu procuro nem ler. O Chase ignora completamente. Se fosse fácil assim... — Um longo suspiro me escapa enquanto coloco mais livros em uma caixa já cheia.

— *Cara bonita*, você não pode deixar que estranhos te coloquem pra baixo. Você é muito melhor que isso. — Ela completa a afirmação com um punhado no meu rabo de cavalo. — Ah, o *Kama Sutra*. Esse é meu! — Ela arranca o livro da pilha que eu estava examinando.

— Deus me livre de roubar o seu manual do sexo... — Reviro os olhos e mostro a língua.

Ela me ignora e se afasta, rebolando em direção à cozinha.

— Sabe do que esta festa precisa? De mais perucas e *vino*. Ahhhh... e pizza!

— Com a velocidade de um raio, ela digita no telefone. Uma das meninas deve ter atendido prontamente, porque, sem dizer “oi”, ela vai direto ao ponto. — Por que você não está aqui ajudando suas melhores amigas com a mudança, *puta perezosa*...? Isso mesmo, acabei de te chamar de puta preguiçosa, sim. Largue a *polla* do Carson e mexa esse *culo* pra vir aqui ajudar a gente.

— Ela desliga sem se despedir.

— Você mandou a Kat largar o pau do Carson? — Dou risada.

— Sim, mandei. A próxima é a Bree.

Maria digita rápido e espera, tamborilando os dedos na bancada da cozinha. Enquanto aguarda, ela estica uma perna para trás com toda a sua habilidade de bailarina e em seguida a dobra para a frente, segurando o tornozelo. Com um braço, ela o puxa para cima até as costas. Parece uma contorcionista, ou um pretzel. É impressionante e inspirador. Depois ela desce a perna graciosamente até colocar o pé no chão.

— Você tem aula? — ela pergunta carinhosamente ao telefone. Delicada demais para nossa espoleta ítalo-hispânica. Pobre Bree... Nem sonha com o que a espera.

Maria continua:

— Não? — Faz uma pausa e em seguida sua voz mordaz de garota malvada troveja: — Então levante o seu gracioso *culo* daí e venha ajudar suas *hermanas* a empacotar esta bagunça! E nem perca tempo com a desculpa de que está com o Phillip.

Maria escuta por um momento e então exclama:

— ¡Mierda! Nós todas sabemos que a sua periquita não bate as asas há meses. Ah, e traga vinho. — Ela desliga.

O riso borbulha em minha garganta e escapa em um som que combina uma espécie de engasgo com uma tentativa de respirar. Meu Deus, esta mulher me faz bem. Ela sabe exatamente como fazer a vida parecer mais leve, afastando o incômodo holofote sob o qual me encontro desde que meu noivado com Chase foi anunciado, na semana passada. Com tudo isso, ainda não estamos mais perto de descobrir quem é o cara que está me assediando. Quando o anúncio do nosso casamento foi divulgado, fomos soterrados com flores de felicitações. Mas alguém enviou uma dúzia de rosas murchas com um cartão anônimo. Os dizeres ainda me arrepiaam.

Gillian,

Pior decisão que você já tomou na vida. Grave estas palavras.

Você é minha... Vadia.

A lembrança dessas palavras me causa calafrios na espinha e frio na barriga. Com a pele arrepiada, inspiro fundo. Algumas respirações em estilo ioga e eu consigo afastar os pensamentos negativos e me concentrar em coisas boas. Chase. Meu noivo.

O anel de diamantes no meu dedo reflete a luz, cintilando, me lembrando do que importa e no que eu tenho que me focar. Uma vida com o homem dos meus sonhos.

O apito do meu celular me traz de volta ao presente. Eu o pego sobre a mesa e verifico a tela. Uma felicidade instantânea toma conta de mim quando vejo o nome de Chase.

O apartamento da Maria está pronto para quando ela quiser. Quanto antes, melhor. Quero você e a sua irmã maluca em segurança.

— Ria, o Chase está dizendo que o seu apartamento está pronto — aviso enquanto digito uma resposta para o meu amor.

Ela dá um grito de alegria e faz uma dancinha no meio de nossa pequena cozinha. Fica ainda mais engraçado porque Maria está usando um short

curtinho e apertado e um top esportivo de malha que faz seus seios avançados balançarem de maneira vulgar.

— Para com isso, irmã. Os seus peitos vão pular para fora. — Dou risada e ela sorri com malícia.

— Foi muito legal o Chase ter me arrumado um apartamento pertinho da cobertura de vocês. Mas é estranho ele não querer discutir *dinero*.

Eu me encolho e mordo o lábio.

— O quê? O aluguel é controlado, não é? — Ela bate o pé, desafiadora.

— Você prometeu que seria um aluguel com aumento controlado. Eu não vou dividir o apartamento com outra *chica* maluca. E, por Deus, não vou morar com o Tommy, por mais que ele insista — ela resmunga.

— Não, não vai ser nem um pouco caro. — Tento ser vaga, mas ela me olha de soslaio, arqueando uma sobrancelha escura perfeitamente desenhada. Eu detesto quando ela faz isso. É irritantemente charmoso.

— E quanto eu vou pagar por mês, sra. Davis? — Ela usa meu futuro sobrenome numa voz enjoativamente adocicada. Não é bom sinal. Quando Maria começa a falar com essa voz doce, geralmente significa que o urso oculto está prestes a pôr as garras para fora, pronto para um ataque furtivo.

— Hum, menos do que a sua parte aqui — arrisco, na esperança de que ela abandone o assunto e deixe para falar com Chase a respeito.

Maria encosta o quadril na bancada central, inclina a cabeça para o lado e curva os lábios num sorriso falso.

— Menos quanto, *bonita*? *¿Cien?* *¿Doscientos?*

— Hum, provavelmente menos. — Vou empurrando com o pé a caixa lotada de livros até um canto. Fingindo ignorar Maria, trato de fechar a caixa e colocar a etiqueta indicando o destino. Esta vai para a cobertura.

— *¿Cuatro?* Quanto, Gigi? — Ela continua com a mão no quadril.

Torço o nariz.

— Nada — murmuro e volto para a cozinha a fim de pegar vinho. De repente minha garganta ficou seca. — Que sede... Onde foi mesmo que a gente colocou o vinho? — tento mudar de assunto.

Uma mão fria segura meu braço e me faz virar.

— *¿Nada?* Quer dizer, zero dólar? Grátis? — A voz dela está subindo para um tom agudo, do tipo que me faz ranger os dentes.

Faço que sim com a cabeça.

— Não fique brava, por favor. É o Chase. Ele não vai aceitar que você pague. É que ele tem mais dinheiro que Deus... mais até que a Oprah!

Maria balança a cabeça para um lado e para o outro.

— Bonita, isso não vai dar certo. Eu não aceito caridade.

Agarro o braço dela, que se retrai. Nós duas temos essa reação a toques bruscos. É o resultado de anos de abuso físico.

— Eu sei, eu sei. Eu entendo. De verdade. Mas o Chase é tão irredutível... Quando eu tento argumentar, ele usa aquele corpo pecaminoso contra mim. Literalmente *contra* mim!

Ela vira a cabeça para o lado e cobre a boca com a mão, numa tentativa fracassada de segurar o riso.

— É mesmo?

Assentindo com a cabeça, explico que tive essa mesma conversa com Chase. Eu disse a ele que Maria não aceitaria caridade. Um punhado de orgasmos depois, ele tinha me convencido a prometer que a faria aceitar. Quando terminei de contar essa história, Maria está no chão se debatendo, como se tivesse sido atingida por uma arma de eletrochoque. O que na verdade pode mesmo acontecer se ela não parar de me zoar. Essa é mais uma novidade na minha vida cotidiana. Agora eu carrego escova, batom, carteira, meu celular rastreado por GPS e uma elegante e prática arma de choque, sendo os dois últimos itens cortesia do meu noivo controlador. Mas, claro, são para o caso de uma eventual ausência do guarda-costas de mais de um metro e noventa que eu chamo de Rambo.

Maria continua no chão, se matando de rir.

— Pare com isso, Ria. Você não tem ideia do que aquele homem consegue fazer comigo na cama. Ele é capaz de fazer uma freira gozar sem encostar nela.

— Sério? Conta tudo!

O susto me faz dar um pulo. Kat se esgueira atrás de mim enquanto Maria continua tendo convulsões de tanto rir. Nunca devíamos ter dado uma cópia da chave para as meninas.

— Kat! Caramba, você me assustou! Já estou com os nervos à flor da pele por causa dessa história do assediador... — eu a repreendo, tentando em vão fazê-la se sentir culpada.

— Parece que um cara alto, moreno e bonito te deixa com os nervos à flor da pele mais que o assediador. Estou certa, irmã?

Maria pula feito um pássaro e cumprimenta Kat com um high-five. Maldita agilidade de bailarina. Na maior parte do tempo eu me sinto desajeitada.

Somente Chase me faz sentir sexy. Minhas amigas loiras também são graciosas. Mas Maria... essa consegue pular feito uma ninja dos tempos modernos no palco, porém considera um desafio andar por aí. A criatura tropeça em rachaduras na calçada. Até nas mais evidentes.

— *¡Perfecto!* — Maria concorda e pega as duas garrafas de vinho que Kat está segurando. — *¡Gracias!*

— Me fale mais sobre como o Chase te manipula. — O sorriso perverso de Kat se espalha sobre suas feições bonitas. Os olhos cor de caramelo brilham de alegria quando ela se apoia na bancada da cozinha. As pulseiras no braço esquerdo tilintam como um sino de vento ao sabor da brisa quando ela olha para mim.

— Meu Deus, vocês duas não têm jeito. — Fuzilo Kat com um olhar de esguelha. Não funciona.

— Por quê? — Bree entra na cozinha com uma caixa de pizza em uma das mãos e uma garrafa de vinho na outra. Seu cabelo loiro cai impecavelmente liso nas costas. Sempre que ela chega a algum lugar, é como uma lu-fada de ar fresco.

Maria bate palmas e pega a caixa de pizza.

— Vegetariana, massa extrafina e molho de tomate. Não aquela porcaria cremosa e engordativa cheia de alho — Bree resmunga.

Maria levanta a mão com o dedo do meio erguido enquanto vai buscar os pratos, deixando claro o que pensa sobre a obsessão de Bree por alimentação saudável.

Kat e eu ficamos lado a lado e lançamos a ela um olhar inexpressivo.

— O quê? Você não precisa se jogar nas gorduras e carboidratos se pode beber suas calorias. — Ela sorri e segura no alto a garrafa de pinot noir que todas nós adoramos, apropriadamente batizado de Soul Sister, ou seja, Irmã de Alma. Nós todas já tomamos vinhos melhores. Por Deus, o vinho que Chase costuma me servir pode fazer qualquer um chorar de emoção, mas nós quatro gostamos do simbolismo do nome. Como custa só doze dólares a garrafa, o bolso não sofre. E o vinho também é único porque é produzido pela vinícola Save Me, San Francisco, cidade onde moramos, que pertence à banda Train. Um vinho com uma história legal como essa tem um apelo ainda maior.

Bree puxa sua cadeira vermelha e se senta, dobrando um joelho e o abraçando. Ela está usando legging, camiseta larga e botas Ugg. O que Bree chama

de elegância casual, eu chamo de pijama. Nós quatro temos opiniões *muito* diferentes sobre moda. Elas dizem que eu gosto de me sentir esnobe com meus conjuntos sóbrios e saias formais. Na verdade, a intenção é parecer inacessível e profissional. A realidade é que eu adoro uma promoção ou ponta de estoque. Infelizmente, sei que até isso vai mudar quando eu me casar com o Riquinho.

Recentemente Chase avisou que vai renovar meu guarda-roupa inteiro. No início fiquei chateada que ele opinasse sobre minha maneira de me vestir, mas ver o entusiasmo dele ao falar com sua assistente sobre o que queria que fosse comprado me fez sentir amada, cuidada... especial. Não é pelo dinheiro nem pelas roupas; é pelo fato de Chase querer me fazer sentir conectada a ele em tudo. Ele pediu especificamente a Dana — de quem eu tento com todas as forças não sentir ciúme — para comprar peças que combinem com itens que ele tem. Eu gosto da ideia de combinar com Chase, de formar um par harmonioso com ele nos eventos, especialmente considerando minha recém-descoberta e indesejável fama. A última coisa que eu quero é envergonhá-lo. Ele sempre diz que teria orgulho de mim ao seu lado mesmo que eu vestisse um saco de papel, mas eu sei que não é bem assim. O homem gosta de sofisticação. Muito.

Chase é muito exigente no que se refere a roupas. Não se trata simplesmente de não comprar roupas prontas; todos os ternos dele são feitos sob medida no melhor alfaiate da cidade. Assim como eu, o desejo de passar uma boa impressão é em parte o que me atrai nele. A questão é que eu consigo enxergar o verdadeiro Chase, o homem real, com todas as camadas removidas, metafórica e literalmente.

Infelizmente, porém, ainda não consegui convencê-lo de que não vou fugir. Por mais que eu esteja convicta do meu desejo de ficar com ele e de ser sua mulher, isso ainda me apavora. Me comprometer com um homem, dar a ele o poder de tomar decisões sobre minha vida, é assustador. Essa foi uma das razões pelas quais eu disse a Chase que deveríamos esperar um ano, mas não a principal delas. Na última semana, ele tem sinalizado que gostaria de encurtar bastante esse prazo. A princípio, quando me pediu em casamento, ele queria casar escondido, tipo, no dia seguinte. A ideia tinha seu charme, sem dúvida, mas alguma coisa dentro de mim sonha com o conto de fadas. Eu conquistei o príncipe encantado, agora quero um casamento de princesa. Nada grandioso ou arrojado; só a família dele, nossos amigos, as meninas,

Phillip e a pequena Anabelle. Eu adoraria vê-la entrando de daminha na igreja, jogando pétalas.

— Ainda pensando em tudo que o persuasivo Chase faz pra te convençer a fazer o que ele quer? — Maria ri e eu a ignoro.

— Bree, você acha que o Phil entraria comigo na igreja? — Afasto uma mecha do meu cabelo ruivo que escapou do elástico.

A fisionomia de Bree se ilumina. Caramba, a mulher é bonita. Ela tem uma vivacidade especial, uma pele perfeita, naturalmente bronzeada, grandes olhos azuis e um nariz aristocrático arrebitado na medida certa.

— Eu acho que ele ficaria honrado. De verdade. E a Anabelle seria a daminha, certo?

Aceno enfaticamente com a cabeça.

— E claro que as minhas três irmãs de alma vão ser minhas madrinhas.

Elas também assentem, felizes.

— Ainda não consigo acreditar que ele te pediu em casamento tão rápido — Kat comenta. — Quer dizer, vocês estão namorando há alguns meses.

— Ela retorce os lábios, pensativa. — Não que seja impensado, nada disso, mas... por que a pressa? — Ela toma um gole de vinho.

Dando de ombros, aceito a taça que Maria estende para mim. O toque de cereja, ameixa e amora explode nas minhas papilas gustativas.

— Sinceramente? Quando você sabe, você sabe e pronto. Ele é o homem da minha vida. Não tem por que esperar.

Maria e Kat concordam com um movimento de cabeça. Bree morde o lábio e segura uma mecha de cabelo, enrolando-a em volta do dedo. Ela está se segurando para não dizer alguma coisa. Sua inquietação é eloquente. Aparentemente está tentando não dar sua opinião.

Estreito os olhos.

— Bree, quer falar alguma coisa?

— Hum, não... — Ela balança a cabeça e come um pedaço de pizza. Mas encher a boca não vai livrá-la do anzol com tanta facilidade. É óbvio que ela tem algo em mente, e eu quero saber o que é.

— Desembucha. E não minta para mim. Você sabe que eu tenho radar para mentirosos.

Ela revira os olhos e respira fundo.

— Está bem. Se você sabe que ele é o homem da sua vida, por que um ano de noivado?

A pergunta escava seu caminho, sem ser convidada, até meu subconsciente. Instintivamente sei a resposta, mas não quero abrir essa ferida. Não é que eu não acredite que ele é o homem da minha vida. Meu coração bate por Chase. A presença dele permeia o ar à minha volta o tempo todo. Quando ele não está comigo, eu o sinto. Peguei o costume de alisar e girar no dedo a aliança que simboliza o seu amor por mim.

— Às vezes a gente só precisa de um tempo para ter certeza. Como a Kat falou, ele me pediu em casamento muito rápido. Eu não quero que ele se arrependa dessa decisão.

As três mulheres mais importantes da minha vida olham para mim com ar espantado, como se de repente eu tivesse criado chifres.

— Nós passamos por muito estresse — acrescento, na defensiva. — Eu quase perdi o emprego, enfrentei o retorno da *vagabunda*, e agora esse maluco me assediando... — Meneio a cabeça e deixo o significado das palavras assentar, consciente de que há muita verdade contida nelas, porém não toda a verdade. Se eu for honesta comigo mesma, preciso dar tempo a Chase para ter certeza de que sou *eu* quem ele quer para sempre. Uma Gillian Callahan arruinada, cheia de cicatrizes.

— Gigi, fala sério... Você vai esperar porque quer dar *ao Chase* a chance de cair fora? — Kat pergunta, chocada.

— *;Estúpida!* — Maria cantarola e bebe um longo gole de vinho.

— Não acredito! — Bree concorda, parecendo atônita.

— Nem eu — diz uma voz doce atrás de mim.

Sinto o sangue gelar, embora o calor do meu constrangimento se mostre claramente no meu rosto vermelho. Já ouvi essa voz tantas vezes... Nos meus sonhos, sussurrada contra o meu cabelo, gritando o meu nome na hora do prazer.

Meu amor.

Meu único.

Meu Chase.

Fecho os olhos quando mãos fortes enlaçam minha cintura, me pressionando contra o peito sólido e quente. O perfume cítrico amadeirado invade o aroma da pizza vegetariana que impregna o ar. Sinto a tensão nos antebraços de Chase quando ele me aperta.

— Desculpem, meninas. Preciso dar uma palavrinha com a minha noiva.

— Seu tom de voz é bem-educado e cordial, mas, quando me viro, o olhar

de Chase parece lava derretida. A luz ofuscante de relâmpagos brilha por trás dos olhos azuis, e eu sinto medo da tempestade que está em formação.

— Não ouvimos você entrar — digo com a voz fraca, tentando mudar de assunto. Já sei que essa conversa vai ser desgastante.

— Claro. — Ele dá alguns passos rápidos na direção da porta, pega meu casaco e gesticula para mim.

— Espere... Você quer sair? Mas as meninas...

Ele segura meu braço com firmeza, inflexível.

— As meninas vão entender — retruca, os dentes cerrados e o maxilar obviamente tenso.

— Aonde vamos? — Puxo o braço, irritada.

— Para casa. Para a cobertura — ele confirma.

Chase me arrasta contra minha vontade até o corredor e eu estanco de repente.

— Você não pode vir aqui e me tirar do meu apartamento só porque deu vontade. Eu estava empacotando as coisas da mudança e me divertindo.

Chase joga o paletó por cima do ombro e põe a mão no quadril.

— Ótimo. Quer voltar lá e conversar sobre por que a mulher que eu amo não confia em mim?

Seguro seu rosto bonito entre as mãos e o faço olhar para mim.

— Chase, não.

Os olhos dele esquadram os meus com franqueza e algo mais. Medo, talvez? Respiro fundo e encosto minha testa na sua, querendo que ele compreenda, implorando em silêncio para que compreenda.

— Você é o único homem em quem eu confio, do fundo do meu coração. O único em quem eu sempre vou confiar.

Ele afasta o rosto e segura meu queixo. Seu polegar acaricia meu lábio inferior. Um formigamento quente percorre meu corpo até a ponta dos pés.

— E você é a única mulher que eu amo e vou amar. Eu quero você na minha vida, como minha esposa. Quanto antes, melhor. Agora que eu sei por que você está procrastinando, não vou esperar mais. Um mês. É o prazo máximo.

— Um mês? Chase, você não pode estar falando sério. — Olho para ele sem entender, tentando desesperadamente ganhar mais tempo.

— Mais sério impossível. Gillian, eu não sou um homem paciente. Pensei que *você* precisasse de mais tempo para ter certeza. Agora que eu sei que

você pensa que *eu* preciso de mais tempo, não estou mais disposto a adiar nada. Vamos nos casar daqui a um mês. Sem negociação.

Ele se vira e me puxa pela mão. Eu paro e faço força para trás.

— Você não pode fazer isso! — Estou me controlando para não bater o pé e dar um showzinho.

— Posso e estou fazendo. — A voz dele é firme e controlada.

— Mas o casamento... — Lágrimas nublam a minha visão, por mais que eu tente contê-las.

Os dedos de Chase deslizam pelo meu cabelo e se enterram na altura da nuca. Ele solta o elástico, libertando as mechas e cachos, que caem nas minhas costas. Ele adora meu cabelo solto.

— Você vai ter tudo o que sonhou. Eu vou cuidar para isso acontecer. A Dana vai te ajudar.

— Eu não quero a ajuda da sua assistente perfeita — respondo, ácida.

Os lábios dele se retorcem com satisfação diante do meu ciúme óbvio.

— Eu sei que você não quer, mas, com um prazo tão curto, vai precisar. Ela é supereficiente. Só diga o que quer e deixe com ela.

— Qualquer coisa que eu quiser? — contra-ataco, tentando demonstrar mais coragem do que normalmente tenho.

— Ah, baby, eu gosto do seu jeito de pensar. De agora em diante, eu quero que você tenha sempre essa atitude. Você vai ser a sra. Chase Davis e vai ter bilhões à sua disposição. — Ele se inclina para me beijar, mas eu me afasto.

— Do que você está falando? Você não vai querer que eu assine um acordo pré-nupcial?

Ele balança a cabeça e eu tenho certeza de que entendi errado. Nenhum homem com uma fortuna como a dele entraria num casamento sem proteger seus investimentos.

— Não vai ser necessário. O que é meu é seu, baby.

— Não, não, não. — Balanço a cabeça várias vezes e dou um passo para trás.

Chase avança e me pressiona contra a parede do corredor. Meu fôlego fica retido com a proximidade dele e o incrível poder que ele irradia. É uma coisa quase viva, que respira, uma energia magnética que se move e me cerca.

— Ah, sim — Chase murmura, enquanto segura meu quadril com uma das mãos, me mantendo colada aos contornos firmes e sólidos do seu corpo. A outra mão ele enterra no meu cabelo atrás da nuca, mais uma vez me man-

tendo quase immobilizada. É um dos pontos favoritos dele para me segurar, para ter o controle. — Você vai ser mais rica do que já imaginou.

Ele mordisca meu lábio, brincando.

— Você diz isso como se fosse algo que eu quisesse. Eu não quero nem preciso do seu dinheiro, Chase. Só de você. — Seguro seus ombros com força, tentando expressar o que é tão difícil dizer.

— Me dá um nó na cabeça.

Ele ri antes de se aproximar e capturar meus lábios. Seu beijo é selvagem, possessivo, vigoroso. Abro a boca com uma exclamação abafada. Ele tira pleno proveito disso, introduzindo a língua poderosa no jogo. O sabor do chiclete de canela atiça minhas papilas gustativas conforme a língua audaciosa se agita sobre a minha. A chama já familiar que arde entre nós se inflama instantaneamente. A mão no meu quadril se move para baixo a fim de segurar minha bunda, enquanto os lábios dele me exploram e devoram. É muita coisa e, ao mesmo tempo, não é suficiente. Faíscas explodem à nossa volta e uma sensação de peso se instala entre minhas coxas. Posso sentir que estou molhada, na expectativa de recebê-lo dentro de mim. A proximidade e o toque de Chase me deixam entorpecida de desejo, com uma dor que chega a ser física, com a demora de uma completude tão almejada.

— Eu quero... — balbucio, num murmúrio que é engolido pela boca ávida.

— Você vai ter...

Chase me ergue nos braços, e minhas pernas se entrelaçam na sua cintura quando ele pressiona a ereção sólida contra minhas coxas. Estamos no meio do corredor, no meu prédio. Ouço a tagarelice de minhas melhores amigas através da porta.

— Chase! Nós não podemos — consigo falar por entre os beijos molhados e inebriantes.

Com as duas mãos, ele segura minha bunda e me leva até a escada dos fundos.

— Nós podemos e vamos. Eu nunca mais vou abrir mão de ter você. — Seu tom de voz parece zangado, mas eu sei que não é isso. É que Chase está tão perplexo quanto eu com essa estranha e inegável força que nos aproxima nos momentos mais inoportunos.

— Chase — aviso, mas é tarde demais. Ele já conseguiu abrir a calça e pôr para fora o pau grosso e pesado. Ereto, enorme, com sua coloração rosa-

-escura, pronto para proporcionar prazer. A visão do seu membro, grande e desperto entre minhas coxas, tão próximo e tão longe ao mesmo tempo, me faz salivar. Quero sentir o sabor dessa masculinidade almiscarada e incomparável na minha língua, nos meus lábios, dentro da minha boca.

— Eu preciso de você — murmuro, olhando para ele através de uma névoa de desejo.

— Ah, baby... Eu fico mais louco ainda quando você implora.

Ele ergue minha saia rodada de jérsei até a cintura. Sem esperar, afasta minha calcinha de renda e me penetra com uma investida poderosa. Seus lábios cobrem os meus para abafar o grito. Com Chase, eu nunca consegui me controlar; ele desperta um lado meu desconhecido. Eu me dobro para trás, inalando lufadas de ar enquanto ele tira e coloca o pau dentro de mim.

— Baby... — sussurro no espaço aberto de concreto, e minha voz ecoa nas paredes conforme eu olho sem enxergar as escadas em espiral acima de nós.

Os dedos de Chase se enterram na minha bunda, apertando sem machucar.

— Baby, eu mal posso esperar para que você seja minha. Eu quero que o mundo inteiro saiba que você me pertence.

As palavras dele são roucas, densas. Ele sabe que “minha” é um termo letal para mim, e, se não fosse a certeza de que vou possuí-lo também, eu sairia correndo. De qualquer forma, saber que vou ter Chase Davis de corpo, mente e alma é tudo que importa. Ele desliza o pau grande e duro dentro de mim, com força e repetidas vezes, enviando centelhas de prazer para cada célula do meu corpo.

Eu já pertenço a ele e digo isso. Ele fica enlouquecido com minha declaração e aumenta implacavelmente o ritmo das estocadas. Sua pélvis comprime meu clitóris de maneira particularmente forte, e eu inclino a cabeça para trás, mergulhando no esplendoroso abismo. Faíscas luminosas brilham através dos meus olhos fechados conforme a pélvis dele pressiona meu clitóris, prolongando meu orgasmo. Chase está bem ali, comigo, seus gemidos abafados na curva do meu pescoço. Ele mordisca minha pele nesse ponto, enquanto sua essência se esparrama dentro de mim.

— Gillian, você acaba comigo — ele murmura em meio a beijos leves ao longo do meu pescoço, orelha e cabelo. Seus lábios cobrem cada centímetro do meu rosto, até que eu abro os olhos. Então ele sela os lábios sobre os meus em um beijo inebriante.

— Eu te amo. — A expressão dos olhos dele se suaviza, e eu posso ver a felicidade espelhada nas profundezas azuis. — Mas eu preciso de mais que um mês, Chase — completo.

Ele se retesa e balança a cabeça.

— A Kat vai fazer o meu vestido do zero, e ainda nem começou. Ela vai entrar em parafuso se eu disser que preciso dele em um mês.

— Eu vou ligar para a Vera Wang ou o Gabana. Poxa, a minha prima Chloe faria um vestido perfeito. Você vai ter o seu vestido em um mês.

Ele se afasta e eu coloco a calcinha no lugar, impedindo que seus fluidos escorram pelas minhas pernas.

Escolho as palavras com cuidado.

— Você disse que eu poderia ter qualquer coisa que quisesse. E um vestido de noiva feito pela minha melhor amiga é o que eu quero usar no dia do meu casamento. — Meu tom é calmo, porém firme.

Ele estreita os olhos.

— Vamos ver. — Endireita minha saia, e nós dois voltamos para o corredor.

Em questão de segundos estamos de volta ao apartamento, encarando três pares de olhos chocados e ligeiramente turvos pela embriaguez.

— *¿Qué pasa?* — Maria pergunta.

Chase a ignora e vira para Kat, que parece um pouco intimidada e se reclina na cadeira.

— De quanto tempo você precisa para fazer o vestido de noiva da Gillian?

Kat me avalia de cima a baixo. Tenho certeza de que as três perceberam meus lábios inchados dos beijos. Olho para baixo e vejo que minha saia está torta. Ela sorri e olha para Chase.

— Não tenho certeza. Mas pode ser feito em um ano, isso eu garanto.

Chase murmura um palavrão — um comportamento incomum para ele e nem um pouco educado.

— E se eu quiser que fique pronto daqui a um mês?

Kat arregala os olhos, boquiaberta.

— Ah... é... é um prazo bem curto.

— De quanto tempo exatamente você precisa? — ele pergunta, o maxilar tenso.

— Dependendo do trabalho no teatro...

— Eu contratarei alguém para te ajudar no teatro, para que você possa se concentrar melhor... se não totalmente... na Gillian.

— Você não pode fazer isso — interfiro, mas ele aperta minha mão e continua falando. O Chase Controlador entrou em ação.

— Eu faço parte da diretoria do San Francisco Theatre.

O quê? Quando é que ele pretendia compartilhar essa informação comigo? Maria parece tão surpresa quanto eu, então isso é novidade para ela também. Chase continua, implacável.

— Eu posso e vou fazer qualquer coisa necessária para que você seja minha mulher o quanto antes. — Seu tom é cortante. — Kathleen, quanto tempo?

Ela parece chocada, porém determinada.

— Provavelmente de seis a oito semanas, isso se eu conseguir o tecido e se o custo ficar dentro do orçamento.

— Dinheiro não é problema. Eu vou transferir cinquenta mil para a sua conta hoje mesmo. Se você fizer o vestido em seis semanas, eu transfiro mais vinte e cinco como adicional de emergência.

— Puta merda! Você não estava brincando... — Kat aponta o queixo na minha direção.

Dou um sorriso amarelo, odiando o fato de Chase estar esfregando sua influência e seu dinheiro na cara das minhas melhores amigas. Mas ele não consegue evitar; é o jeito dele. Pelo menos suas intenções são honestas. Se bem que todo mundo sabe: de boas intenções o inferno está cheio.

Ele espera pacientemente que Kat pondere a proposta.

— Combinado, amigo. — Eles dão um aperto de mãos para oficializar o acordo, o que eu acho ridículo e desnecessário.

Chase se vira para mim.

— Agora que isso está resolvido... — Ele sorri, exibindo dentes brancos e simétricos. Um sorriso que é capaz de iluminar um dia cinzento. — Você vai ser toda minha, sra. Davis, em seis semanas. Não vejo a hora.

Ele sorri e me puxa para um abraço.

O entusiasmo de Chase é contagiante. Atrás de nós, as meninas dão gritinhos e aplausos quando ele me inclina nos braços para um beijo abrasador. A cena se torna quase indecente quando sua mão se espalma na minha bunda e ele pressiona sua ereção crescente contra minha barriga.

Maria passa por nós apressada e volta com uma taça. Ela a enche até a metade e a entrega a Chase, que aceita e acena com a cabeça em agradecimento.

— Aos futuros sr. e sra. Chase Davis — ela exclama. — *¡Salud!*